

LEOLA: A CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO FEMININO

Msc Ana Carolina Abiahy (Cefet-PB)

Sou mulher e escrevo. Sou plebéia e sei ler. Nasci serva e sou livre. Vi coisas maravilhosas em minha vida. Fiz coisas maravilhosas em minha vida. Durante algum tempo, o mundo foi um milagre. Depois a escuridão voltou (...) Eu escrevo. É minha maior vitória, minha conquista, o dom do qual me sinto mais orgulhosa; e as palavras, embora estejam sendo devoradas pelo grande silêncio, hoje constituem minha única arma. (MONTERO¹, 2006, p.9)

Expressar-se, marcar um lugar no mundo, algo vedado às mulheres por muitos séculos. E podemos mesmo dizer que o caminhar das mulheres em busca de afirmar a sua realização como sujeitos foi construído concomitantemente a conquista do direito de se expressar. E esta caminhada, esta costura entre o pisar forte no cotidiano parece ser a trajetória da protagonista do romance *História do rei transparente*, publicado pela autora espanhola Rosa Montero em 2005.

A citação reproduzida logo no início é nossa apresentação à Leola, protagonista que faz uma revisão de sua vida, enquanto espera um ataque dos cruzados ao mosteiro no qual está abrigada, junto às Perfeitas, às Boas Mulheres que rezam, enquanto ela escreve. São mulheres perseguidas por adotarem a seita albigense divergente da Igreja poderosa que domina a Europa do século XII marcado pelos conflitos religiosos de uma sociedade essencialmente hierárquica.

Mas, é também a época e o lugar do florescimento da poesia provençal, das discussões sobre o amor cortês e das visões extremamente impregnadas pela magia das lendas arturianas. É todo este universo que marca a trajetória de Leola expressa em primeira pessoa em quase quatrocentas páginas de narrativa que nos lega um panorama da época medieval. Muito mais que isso, a obra nos possibilita o acesso às discussões sobre o processo de construção de um sujeito feminino, marcado pela ambigüidade e pela luta por expandir seus horizontes, longe das amarras dos papéis de gênero.

Das portas do mosteiro, a voz narrativa em primeira pessoa nos conduz para o início da aventura. Encontramos Leola adolescente, serva, com o arado junto ao pai, ao irmão e ao noivo Jacques, enquanto cavaleiros se destroçam nas terras de seu senhor, em mais uma das tantas guerras feudais. “Estamos de novo em guerra, e o senhor de Abuny, nosso amo, vassalo do conde de Gévaudan, que por sua vez é vassalo do rei de Aragão, luta contra as tropas do rei da França” (p.10). Ao relatar o que sentia, vemos o desprezo de Leola pela carnificina da guerra e até a expressão de um ponto de vista que estaria mais de acordo com o pensamento tradicional acerca dos sujeitos femininos, que são mais identificados com o brotar da vida. “Dia após dia, enquanto nós arranhamos a pele ingrata da terra, eles regam o campo vizinho com seu sangue” (p.10).

Nesta perspectiva, parece estar traçada uma oposição entre natureza e cultura. Segundo Sherry Ortner, as mulheres por estarem envolvidas biologicamente de modo evidente com aspectos da reprodução da espécie e do mundo corporal, físico, passam a ser mais identificadas com a natureza. A fisiologia masculina deixaria o homem mais livre para assumir os esquemas da cultura. “Uma vez que o plano da cultura sempre é submeter e transcender a natureza, se as mulheres são consideradas parte dela, então a cultura achará ‘natural’ subordiná-las, para não dizer oprimi-las” (ORTNER, 1979, p.101-2).

Este destino amarrado a terra será algo a ser modificado ao longo da narrativa, pois Leola vai assumir um outro papel ao se identificar como sujeito masculino. Em uma conversa com o noivo Jacques já se antevê nela o espírito guerreiro e a vontade de ampliar os horizontes. “Os frades dizem que este mundo é um vale de lágrimas e que nós nascemos para sofrer. Mas eu não quero acreditar neles” (p.13). Esta reflexão de Leola é esboçada enquanto ela estende o olhar pela névoa do entardecer, desejando conhecer o mundo adiante do pequeno feudo. O jovem noivo se espanta com a disposição de Leola: “Deveríamos aprender a guerrear” e “conhecer tudo” (p.13-14). Junto ao sutil convencimento das carícias, Jacques tenta dissuadi-la e retê-la no que seria o espaço designado a um servo e uma mulher: “Que coisa dizes, Leola... Será que queres ser um clérigo errante? Ou um guerreiro? Não preferes ser minha bezerrinha?” (p.14).

Ela quer encerrar a discussão porque a noite se aproxima: “A noite tenebrosa e perigosa, as horas escuras das almas. À noite é dos mortos, que saem do inferno para atormentar-nos. Ninguém que tenha juízo quer estar ao relento durante a noite” (p.14). Os medos de Leola revelam o quão limitador era a perspectiva do sujeito Leola no início da narrativa, além disso, não devemos esquecer que a mulher foi tradicionalmente identificada como sendo o lado obscuro do mundo.

No entanto, os dois jovens tentam se iluminar mutuamente, pois Jacques revela um sonho a Leola, o de conhecer uma terra da qual lhe falaram num jogral na cidade: Avalon. “Também a chamam de Ilha das Maças e Ilha Afortunada... porque é um lugar maravilhoso, governado por uma rainha muito sábia e muito bela” (p.15). Porém, a viagem para esta terra onde é sempre primavera, que fica “muito longe, onde vivem os bretões, no mar frio do norte” (p.15), é interrompida pela realidade. Nos campos em chamas, cavaleiros vêm arrebatar Jacques, o pai e o irmão de Leola para lutarem nas tropas do senhor. É aqui que a aventura de Leola começa. Escondida no bosque, ela toma a armadura de um guerreiro morto:

Escondida dentro de minhas novas roupagens, sinto-me mais segura, protegida, porque é uma desgraça ser mulher e estar sozinha em tempos de violência. Mas agora eu já não sou uma mulher. Agora sou um guerreiro. Um verme terrível num casulo de ferro, como um dia ouvi um trovador cantar (p.19).

O sentimento de Leola ao vestir a armadura não nos deixa esquecer semelhanças com o processo de entrada das mulheres no mercado de trabalho, no século XX, quando se vêem compelidas a adotar um código estranho ao mundo doméstico e a valores ensinados por tanto tempo pela sociedade patriarcal. Rosiska Darcy de Oliveira, ao nos falar sobre a emergência do feminino, lembra que as primeiras escritoras a ganharem fama no século XIX se sentiram seguras a expressar seus textos somente mediante um pseudônimo masculino, como é o caso das irmãs Charlotte e Emily Brontë e de Georg Eliot e George Sand (pseudônimos de Mary Ann Evan e de Amandine Aurore Lucile Dupin, respectivamente). Esta última levou tão a sério o disfarce que também adotava a indumentária masculina da época.

Rosiska Darcy também aponta o quanto os primeiros passos no mundo público custaram às mulheres. Ela questiona a pesquisadora Elisabeth Badinter para quem este caminho andrógino seria uma retomada do ser dual do mito contado por Platão, que era um ser harmonizado. Para Badinter, o andrógino ensaiado a partir da liberação feminina seria o início para uma convivência mais equilibrada entre o sujeito feminino e o

masculino. No entanto, o que a história confirma é que estes passos no universo externo, até então marcadamente masculino, significaram para muitas mulheres a mutilação de uma experiência e de um saber/sentir feminino: “As mulheres não tinham parâmetros femininos de vida autônoma e sem coerções, o que lhes deixava como opção de liberdade a imitação de um estilo masculino de vida” (OLIVEIRA, 1991, p.117).

Percebemos que, ao vestir-se de cavaleiro, Leola amputa uma parte do seu ser, precisa disso para se fortalecer e sobreviver, mas é como se vivesse mutilada. Durante a narrativa, o seu trabalho será o de se descobrir por inteiro, crescer como indivíduo através do florescer de sua sexualidade, de sua sabedoria, e da sua busca nos outros e no espírito. A riqueza da narrativa de Rosa Montero é que não só Leola é marcada pela ambigüidade de gênero, mas muitas personagens se encontram desvinculadas dos tradicionais papéis masculinos e femininos.

Um encontro decisivo de Leola para a construção de sua individualidade será o encontro com Nyneve, personagem que se apresenta como uma fada e que abre a perspectiva da protagonista para uma visão mais liberta acerca do mundo, longe das superstições cultivadas pela poderosa Igreja. Nyneve diz ser a Viviana da história do mago Merlin, relatando sempre uma convivência com personagens lendários, deixando tênue o limite entre realidade e fantasia. Leola duvida das histórias de Nyneve, mas é testemunha de sua capacidade de cura através do conhecimento que tem das ervas e do mundo ao redor, demonstrando erudição, aliada à sensibilidade.

O próprio título do romance, “história do rei transparente” brinca com as fronteiras entre o real e o imaginário, pois remete a uma fábula amaldiçoada temida por todos ao longo do enredo porque sempre é interrompida por um fato trágico que acomete aqueles que o relatam. Mesmo assim, uma nova tentativa de contar a história é experimentada ao longo dos caminhos que as personagens percorrem, e a cada vez que isto ocorre, tanto o leitor quanto Leola ficam sabendo um pouco mais sobre a história. Ao final, a autora colocou em um apêndice esta história, como se fosse dos idos de 1080. Não passa também de ficção e aos leitores é como se representasse o aprendizado de Leola, a cada vez ela sabe mais sobre a história, assim como aprende sobre si mesma, desbaratando o mundo.

Em suas andanças com Nyneve, Leola vai se deslumbrando com as cidades e mostra a sua ingenuidade com o comércio de relíquias religiosas que prometem até a salvação da alma. É o início do contato de Leola com os conflitos religiosos da época. Nyneve mostra seu pensamento revolucionário ao contar sobre a história da papisa Joana, através da carta do tarô celta que a homenageia e que aparece para Leola durante uma consulta. A cartomante afirma que “as mulheres podem ser tão sábias quanto os homens, ou até mais” (p.44) e dá o exemplo da rainha Leonor e de Hildegard von Bingen, a monja que escrevia e compunha, e promete ensinar Leola a ler e a escrever. A bruxa Nyneve revela que a carta da papisa significa a ocultação e a duplicidade, que é Leola fingindo ser homem.

Mesmo em se tratando de uma personagem ambientada na Idade Média, o texto de Rosa Montero se mostra inserido com questões hoje abordadas nos estudos de gênero, pois a experiência da protagonista é vivida em sua busca de se autoconhecer como sujeito, mas dividida em dois corpos e duas posturas, a de mulher e a de homem. Para Judith Butler, a associação entre o binômio masculino/feminino e o indivíduo sexuado aparece limitada pelas escolhas dos sistemas de poder. Dessa forma, o gênero pode ser compreendido como uma significação que um corpo sexualmente diferenciado assume. Assim é que vemos Leola e Nyneve no decorrer da narrativa, tentando escapar

aos limites que a sociedade medieval impunha às mulheres, transitando através de uma couraça masculina, adotando uma performance que possibilita reagir às dificuldades da época. Mas, as personagens também necessitam viver a identidade de sujeitos femininos e é isto que vemos Nyneve fazer com muita propriedade, enquanto assistimos à Leola em um processo de construir esta ponte entre a performance masculina e a feminina, e até mesmo de descobrir-se parte desta postura de sujeito mulher.

É interessante perceber que a guia de Leola em seu aprendizado como sujeito feminino é Nyneve, uma fada. O que nos faz lembrar da observação do autor KK Ruthven em seu livro *Feminist literary studies*. O autor analisa muitas representações femininas e destaca o ensinamento de feministas sobre os contos de fadas: de que as mulheres não devem se inspirar nas princesas indefesas, mas nas fadas atuantes. KK Ruthven associa o início da misoginia cristã a partir das cartas de Paulo, pois o próprio Cristo tinha uma postura de companheirismo e respeito pelas mulheres. O oposto do que será ensinado na era medieval por homens como Tertuliano (um dos pais da Igreja) que pensava na mulher como a porta para o inferno e um templo construído sobre um esgoto.

Se por um lado Nyneve exerce sua postura como sujeito feminino de modo bem evidente quando se relaciona com outros homens, é ela quem vai ajudar a inserir Leola nas normas da vida de guerreiro, pois lhe arranja aulas com o cavaleiro Roland com quem tem um romance. Durante o aprendizado, Leola sente-se diminuída como sujeito: “o Mestre me despreza porque sou mulher” (p.45), reclama internamente, enquanto continua a apanhar, cair e se erguer. Somente a leitura a faz se expandir, sonhando com o mundo do rei Artur e de Merlin, o Mago: “Eu não sabia que os livros podem ser algo tão maravilhoso” (p.47), diz. É bom lembrar que escrever significava mais do que nunca expressar-se, sentir-se sujeito, imprimir sua marca e sua voz, em um tempo em que o discurso era muito restrito. Um tempo em que individualidades pareciam sufocadas.

Nyneve ensina Leola a ler, enquanto o mestre Roland a inicia na lógica do combate. São duas formas de lutar e compreender o mundo e ao final, vemos a escolha de equilibrar estas duas visões como sendo a tentativa de Leola. “Os bons guerreiros são aqueles que têm cabeça e coração (...) de leão que não conhece o medo, porque só se ganha um combate quando se sai para ganhar” (p.48). Apesar de aprender a lutar, Leola o faz interpretando à sua maneira as lições: “No máximo sou uma raposa, um raposinho que só anseia por sobreviver (...) As raposas também têm sua dignidade, embora os leões as desprezem” (p.51). É o começo do aprendizado sobre seus próprios valores.

Mesmo antes de terminar o treinamento, Nyneve traz a notícia de que a guerra nas terras onde Leola morava acabou e que o pai e o irmão dela teriam voltado para a casa. Neste ponto da narrativa, Leola afirma qual é a sua decisão: “Quero caminhar por todos os caminhos e ler todos os livros que existem no mundo” (p.53). Jacques passa a ser seu motivo para continuar a caminhada, mas parece ter a mesma função que as amadas para os cavaleiros, a inspiração para grandes feitos e aventuras.

O romance coloca Leola diante da famosa Cruzada das Crianças, quando ela cogita se sua vida deve também ser consagrada a Deus, a uma possível partida para Jerusalém. Suas dúvidas são interrompidas por palavras sábias de Nyneve e Leola sente o incômodo da mudez, de não saber ainda o que pensar sobre a vida. Sua caminhada será a busca desta experiência. Como nos lembra Denis de Rougemont, a época retratada no romance era mesmo de ambigüidade:

Se procuramos imaginar a situação psíquica e ética do homem nessa época, constatamos logo de início que ele se acha envolvido – quer queira, quer não – na luta que divide profundamente a sociedade, os poderes, as famílias e os próprios indivíduos: a luta entre a heresia presente em toda parte e a ortodoxia romana frontalmente atacada (ROUGEMONT, 2003, p.157).

Esta dúvida de Leola é algo facilmente compreensível se levarmos em conta a época que está sendo retratada, quando o sentido religioso paira sobre tudo. Mais do que isso, nos parece que a narrativa dialoga com as dúvidas e inquietações do sujeito, em qualquer tempo, mas principalmente, quando começa a ter a possibilidade de refletir sobre sua condição e suas escolhas, algo inimaginável quando Leola era apenas uma camponesa. No início da andança, após o treinamento, ela logo se enxerga outra: “Eles me crêm porque eu me creio” (p.64).

O aprendizado sobre sua força não impede de perceber a discriminação do mundo ao seu redor e Leola atesta a triste condição da mulher de sua época, quando descobre que um cavaleiro não pode jamais montar em uma égua. “É só por causa do seu sexo? Eles nos desprezam, nos detestam tanto assim, a nós fêmeas? Olho para baixo, para meus miúdos seios enfaixados e cobertos pela almilha e pelo ferro. Se eles soubessem” (p. 67). É a borboleta no casulo escondido no homem de ferro. E é assim que Leola enfrenta o primeiro torneio, sendo depois desafiada por um cavaleiro da duquesa Dhuoda. Ferida e tendo ferido o guarda da duquesa, Leola (agora Leo) é levada ao castelo de Dhuoda, descendente do rei Afonso VI de Castela.

Começa então outra fase em sua história, em que se sente atraída pelo poder, aprendendo lições de cavalheirismo. Dhuoda é mais um nome simbólico na narrativa, pois faz referência à duquesa de Septimânia, que escreveu entre os anos de 841 e 843 o *Manuel pour mon fils*, um tratado em que expõe seus ensinamentos cristãos e dá dicas de como bem viver em sociedade, demonstrando conhecimento dos autores clássicos e muita desenvoltura com os assuntos práticos. Os dois filhos tinham sido separados de Dhuoda por seu marido e o texto seria uma chance de transmitir a eles o conhecimento que ela tinha da vida. Como nos destaca Diana Aranuz Mercado: “O Manual reflete a voz clara de uma mulher culta e instruída que transmite uma sensibilidade muito pessoal e o sentido dos valores da época, explicando, ao mesmo tempo, os ideais religiosos e mundanos de seu entorno” (ARAUZ MERCADO², 2005, p. 202).

Vivendo no castelo da Dhuoda ficcional, Leo se torna expectadora dos embates filosóficos e teológicos onde Nyneve expressa sua visão revolucionária. As contendas intelectuais são travadas com o primo de Dhuoda, frei Angélico, que é assistente de Bernardo de Claraval, o grande incentivador da segunda Cruzada e que também é mencionado ao longo do romance. A narrativa é tecida com diversas passagens sobre figuras históricas, proporcionando ao leitor um panorama fascinante da época.

A figura de Nyneve, por exemplo, mais do que uma personagem mágica (ela até afirma que viveu na corte do rei Artur), é um veículo de expressão de uma postura ecumênica e por vezes feminista. Ela cita versos do poeta sufi Ibn Arabi: “Meu coração contém tudo. Uma pradaria onde pastam as gazelas, um convento de monges cristãos, um templo para ídolos, a Caaba do peregrino, os rolos da Torá e o livro do Corão” (p.83). Nyneve partilha com Dhuoda a defesa da valorização da mulher na sociedade, mas a duquesa apesar de seus pensamentos avançados em relação a isso, mantém uma postura retrógrada no que tange a mudanças das esferas de classe, o que é verossímil para quem fazia parte da nobreza.

Os debates travados sobre estes temas evidenciam a efervescência cultural do período, ao contrário do que a história tradicional por muitos anos sustentou, de que toda a Idade Média foi um mergulho nas trevas. O castelo da duquesa fica na Provença e lá Leola é ensinada por Dhuoda, às escondidas, a se comportar como uma grande dama. Dhuoda descobre a identidade feminina de Leola e lhe oferece o seu amor. Mas, advertida por Nyneve de que Dhuoda tem uma aura negra, Leola oscila entre o medo e admiração pela duquesa e também dá aulas à nobre de como guerrear. O objetivo de Dhuoda é vingar-se de seu irmão, que a entregou ainda bebê a um casamento com um déspota. Dhuoda viveu toda a infância trancada em uma torre e traz marcas profundas deste trauma, sendo um personagem amargo.

Ainda assim, Leola sente-se enfeitiçada por Dhuoda, pelo novo mundo que ela mostra. Juntas visitam cidades que estão sob o jugo da duquesa, como Beauville. A visita é uma oportunidade de Leola vivenciar o momento turbulento do renascimento do comércio, quando as vilas começam a se agitar pela independência em relação aos senhores de terra. Muitos debates acerca dos desejos de independência dos servos e de valorização dos burgueses frente à nobreza, bem como do reconhecimento à individualidade, tomam lugar nestas paragens por onde Leola circula. Interessante notar que estas discussões entram em confluência com o estado de espírito de Leola, que busca por sua própria individualidade, e são caminhos para se pensar a concepção de Humanismo que começa a ser gerada naquela sociedade. Afinal, o século XII é considerado hoje como precursor de idéias desenvolvidas a partir do Renascimento.

A duquesa Dhuoda conduz Leola para conhecer a corte da rainha Leonor de Aquitânia e de Ricardo Coração de Leão. Outra oportunidade da narrativa apresentar personagens históricos emblemáticos para se entender a “revolução psíquica” de que nos fala Denis de Rougemont ao se referir ao século XII. Leola estava interessada em conhecer Chrétien de Troyes, autor do relato que popularizou o amor de Lancelote por Guinevere, mas se encanta mesmo é com a figura de Maria de França. Até hoje de autoria controversa, os poemas assinados por Marie de France chegaram a ser atribuídos a quatro personagens históricas distintas. Nesta obra, atribui-se estes poemas narrativos a meia-irmã do rei inglês Henrique II. A figura desperta em Leola a ânsia pela escrita: “Essa Maria é autora de uns relatos muito belos, os *Lais*, que comecei a ler quando cheguei aqui. Mal posso crer que, sendo mulher, ela se atreva a escrever, e que o faça com tanta beleza. Seu exemplo me deslumbra e me envenena: sinto a coceira das palavras que me atropelam nas pontas dos meus dedos” (p.126).

Tal fascínio pela escrita nos remete aos conselhos de Virginia Woolf quando convidada para falar a uma platéia feminina sobre a relação entre a mulher e a escrita: “Por bem ou por mal, espero que vocês se apoderem de dinheiro bastante para as viagens e o lazer, para contemplar o futuro ou o passado do mundo, para sonhar com livros e vaguear pelas esquinas e mergulhar a linha do pensamento fundo na corrente” (WOOLF, 1985, p.142). Parece-nos que Leola pressentia que este era o caminho a ser perseguido ao desejar os livros e as viagens.

Notável que a narrativa conduza Leola justamente para os momentos marcantes desta época precursora do Renascimento. Ela se admira com a polêmica das Cortes de Amor e com os textos de André le Chapelain, famoso por escrever um tratado sobre o amor cortês, a pedido da condessa Maria de Champagne, inspirado em “A arte de amar” de Ovídio. “As Cortes de Amor são uma invenção da rainha; uma vez por semana, alguém apresenta um caso amoroso especialmente complicado e espinhoso. Debatem-se

abertamente os aspectos positivos e negativos da história, e por fim Leonor se pronuncia a favor ou contra”, (p.126).

Na corte de Leonor, a narrativa ilustra a discussão sobre o amor do príncipe de Baya, o trovador Jaufré Rudel, que se enamorou da condessa de Trípoli ao ver sua imagem em um medalhão e que viaja em uma cruzada apenas para vê-la e sucumbe em seus braços quando chega moribundo. Depois, também enamorada, ela larga o marido e se encerra em um convento. A história gera discussões sobre o Fino Amor, o ideal expresso pelos trovadores e é um ponto da narrativa onde são expostas as duas visões de mundo em conflito: a da Igreja que menospreza a energia psíquica colocada neste ideal trovadoresco, temendo a libertação da mente através da cultura e do prazer sensorial, e os anseios por uma renovação no modo de se relacionar com os próprios desejos, tão aprisionados pelas exigências ortodoxas da religião. O poeta Augusto de Campos coloca em bons termos o que significou este paradigma da poesia provençal:

Sabe-se, hoje, que a comunidade provençal, esmagada pela cruzada contra os albigenses instituída pelo papa Inocêncio III, é muito mais do que os tolos pretendem minimizar sob o rótulo de ‘medieval’, na acepção mais vulgar do termo. A livre concepção de amor e de seus poetas, desrecalcando a repressão religiosa e alçando a mulher a posição de relevo e de dignidade que lhe eram negadas na sociedade patriarcal, pode ser lida como signo subversivo de ideologias mais generosas, direcionadas para o futuro. Por isso mesmo a dissidência lingüística e política de Provença não poderia ser tolerada por mais tempo pelos poderosos da época, que liquidaram, de um só golpe, heresia e poesia. (CAMPOS, 2003, p.35)

Não é gratuita a inclusão da corte de Leonor no romance, pois o avô da rainha, o duque de Aquitânia Guilherme IX, foi o primeiro trovador, que mudou os parâmetros das cantigas ao colocar o tema do sexo em pauta e utilizar uma linguagem mais popular. Na corte de Leonor, uma das discussões travadas é sobre as ordens mendicantes, como a de Francisco de Assis e Domingo de Gúzman. Antes deles, a Igreja condenava seitas que pregavam o desapego ao material e o respeito aos pobres como a de Pierre Valdo em Lyon. Como afirma a personagem Leonor, ao falar na necessidade de libertar as vilas: “É impossível parar o curso da água: se alguém tentar detê-la, será arrastado por ela. Mas podemos, sim canalizar o caudal para que não nos inunde, e até utilizar sua força em nosso proveito (p.333).

Este caminho de Leola parece ser uma síntese de tudo o que foi efervescente naquele período da Idade Média e que ajuda a compor o imaginário do Ocidente até hoje. Ela se sente deslumbrada com o mundo das artes e da literatura provençal, cultivado em cortes avançadas como a da rainha Leonor, mas logo abandona o fascínio que a mente aristocrática de Dhuoda pode exercer, retornando aos valores da vida simples, se aliando aos cátaros e aos excluídos.

Mesmo encantada com a corte da rainha Leonor e o Grande Torneio de Poitiers, Leola não abandona suas raízes. Na volta para o castelo de Dhuoda, ela defende a duquesa de um ataque dos camponeses que antes haviam implorado a nobre que os livrasse de pagar a exação, pois a colheita tinha se perdido. Menosprezados pela duquesa, eles atacam o grupo. Leola se surpreende do seu repentino ódio contra os pobres quando se vê atacada por eles. Recobrada do ataque, Leola se arrepende, dizendo que foi um dia de desonra e que arruinou a própria vida. Nesta passagem, vemos a lógica diferente que permeia a mente de Leola. O que poderia ser considerado um sinal

de distinção, defender a nobre com suas armas, é visto como maldição porque ela compreende que estava atacando quem vive nas mesmas condições em que ela vivia.

Tentando se redimir com sua consciência, Leola tenta fazer a duquesa desistir da severa tortura e punição aos pobres aldeões que a atacaram. Mas, não consegue e decide abandonar o castelo. Ao saber da decisão, Dhuoda sagra Leola como cavaleiro, o Senhor de Zarco, em uma cena que expõe as falsas identidades com as quais as personagens são construídas. A duquesa é vista por Leola como a Rainha dos Corvos, o juramento em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo é dito já sabendo que não será cumprido, nem pela sua Senhora nem pelo “cavaleiro”. As próprias terras doadas não passam de um pedregulho. “Tenho 17 anos e acabo de ser sagrada cavaleiro. Mas sou mulher e nasci serva. A única coisa autêntica e legítima é meu título: todo o resto é impostura” (p.154). O texto já mostraria aí a fragilidade dos títulos frente ao mundo que vai ruir na descoberta e conquista das individualidades?

Em oposição a todo o mundo de riqueza com o qual estava convivendo, Leola se torna um Mercador de Sangue, “guerreiros mais desprezados e degradados da Cristandade” (p.155) porque lutam pagos por plebeus para defender as vilas e comerciantes dos ataques de outros cavaleiros. É quando vive um momento de treva interior:

Sei que exerço meu ofício com coragem suicida. Desperto a cada dia pensando que é o último, tão despreocupada por minha própria sorte que nem sequer me surpreende não sucumbir. Um estranho desapego me separa de tudo. Hiberno no gelo dos meus sentimentos como um urso, porque a acédia é uma inundação de pesar frio. Assim, com as emoções congeladas, não dói recordar o rosto das vítimas, o sangue desses pobres camponeses a quem atravessei com minhas armas. (...) Vivemos pelo caminho, como os leprosos, os jograis, os mendigos. Transformamo-nos em vagabundas, embora eu dê polimento à minha armadura. E assim se acumulam os dias e os rostos, assim passam as paisagens e as estações, e tudo vem a ser a mesma solidão, o mesmo cansaço (p.156).

Nyneve é quem parece incutir vida em Leola, lembrando-a que ela é forte “como as ervas daninhas, ou como o esporão que assola a cevada” (p.157). Depois de ser espancada pelas palavras de Nyneve, Leola parece compreender mais sobre si mesma: passa a observar cada folha, cada inseto e se sente parte da bola área que é o planeta, como aprendeu na enciclopédia de Gautier de Metz: *Imagem do mundo*. Conforme nos lembra Ricardo Costa, na Idade Média os sujeitos olhavam para o céu a busca de explicações para suas vidas. A compreensão das doenças e do temperamento das pessoas era com base nos humores do corpo em relação com os signos e planetas, o céu que se movia pela ajuda dos anjos. O sujeito é uma pequena engrenagem nesse maquinário cósmico:

Na concepção cosmológica medieval a Terra não era considerada um planeta e se encontrava na parte mais inferior e central da esfera sublunar, ou seja, no círculo mais baixo, no centro do Inferno – esse é o nome da Terra no Ymago Mundi de Gautier de Metz. A Terra era o próprio Inferno porque era o triste mundo das inconstâncias, das coisas confusas e que se alternam incessantemente (COSTA, 2002, p.7).

Neste destino de andanças desiludidas, não escapa sequer a ilustre corte que Leola conheceu. Leonor da Aquitânia está encerrada em uma fortaleza pelo rei Henrique que sofre o combate dos próprios filhos. Dhuoda, de Dama Branca (chamada

assim por sua donzelice e pelas vestimentas) passou a ser Dama Negra, não só pelas roupas, mas porque transformou o castelo em uma fortaleza para viver em eterna luta contra o meio-irmão, que deseja roubar suas propriedades. Enquanto sabe destas novidades nas tabernas em que circula, nas estalagens dos caminhos, Leola sente que está se recuperando e buscando por uma nova vida, longe da atmosfera de torpor em que ficou após conhecer o mundo sombrio de Dhuoda. “Sinto que estou saindo do meu desespero, como o bebê sai de entre as sangrentas membranas da placenta. Meu corpo dói e estou viva” (p.158).

Com 24 anos e ainda donzela, Leola diz que pouco se lembrava da própria carne nos anos de aturdimiento: “Este pobre corpo prisioneiro, que anseia por sair e derramar-se” (p.160). Neste mundo de mudanças assustadoras, ela vai se envolver com sua primeira paixão: Gastón de Vaslo, um alquimista. Ora Leola o vê como um corcunda, ora ele surge como um belo rapaz. Ao aparecer na vida de Leola, ele traz junto a dúvida, a inquietude, a névoa que a ilude. Nyneve a alerta para um possível embuste. Mas, ele consegue ao menos transformar o coração embrutecido do Senhor de Zarco no corpo desabrochado de uma apaixonada mulher.

Na mesa das tabernas, a alquimia é um assunto em voga, assim como a paixão de Abelardo e Heloísa, as cartas de Abelardo contestadas por Bernardo de Claraval e por Evervin de Steinfeld, figura real que surge como interlocutor de Nyneve e Leola. A lenda de Tristão e Isolda domina o imaginário de Leola que se pergunta sobre a função dos contos de Bretanha para a vida dos indivíduos. Tudo gira em torno da descoberta de que a verdade detida apenas nas palavras da Igreja e apresentada a menina camponesa em seu pequeno feudo pode se multiplicar em milhares de versões da realidade.

Como Gastón deseja continuar os estudos herméticos na cidade de Albi, Leola e Nyneve seguem com ele. Antes de chegar lá, Leola é contratada pelo senhor de Ardres para se passar por seu sobrinho e lutar diariamente contra o conde Guínes, pois as famílias guerreiam há um século. No lúgubre castelo, Leola entrega-se a bebida e às discussões com Gastón, até que o velho Ardres antecipa a própria morte ao contar a História do rei transparente.

Chegando na cidade de Albi, eles travam conhecimento com os cátaros ou albigenses, religiosos que ganharam a proteção dos viscondes de Trencavel e do conde de Toulouse. “Em vez de habitar em poderosos mosteiros, afastados de todos, eles vivem nos burgos, misturados com o povo. Trabalham para manter-se, pois não aceitam receber o dízimo eclesiástico” (p. 200). É isto o que encanta Leola juntamente com o fato de as mulheres terem relevância no grupo e as orações serem feitas em linguagem comum.

Adotando a identidade de mulher, ela vai viver com os cátaros, pois entre eles a condição feminina não é amaldiçoada. Leola aprecia a liberdade, a oportunidade de estudar com Sigério de Brabante a filosofia de Aristóteles e de Averróes, além de retórica, gramática, teologia e lógica e as matemáticas e astronomia de Maimônides. A própria Leola aprende a ganhar a vida não mais matando, mas sim semeando conhecimento e cultura às crianças dos plebeus.

Para combater este mundo de tolerância e de liberdade, está o Doutor Angelical, frei Angélico, o primo de Dhuoda, com pregações que prometem a fogueira para os cátaros. A própria duquesa se alia aos cruzados para destruir o catarismo. Leola se torna sua prisioneira quando falha na missão de entregar uma carta dos cátaros, denunciada pelo ganancioso Gastón. O encontro com Dhuoda mostra o antagonismo que a figura da duquesa representa.

Para se salvar, Leola tenta interceder por sentimentos bons em Dhuoda, mas a duquesa fez o caminho oposto ao seu. Para a nobre, o sofrimento não ensinou a ser generosa e aberta à vida como Leola, que fez da dor um caminho para a sabedoria. Ameaçada de ser queimada na fogueira, Leola ainda é assediada por frei Angélico que esconde sobre a veste de religioso uma volúpia insana alimentada pelo desejo de possuir o corpo como um exercício de poder. Leola se livra atacando o frei no que tinha de mais valioso: arranca-lhe a língua, impedindo que possa distribuir o seu fel de inquisidor escondido em belas palavras de orador.

Fugindo do castelo e da fogueira, Leola e Nyneve encontram abrigo na Abadia de Fausse-Fontevrault, referência ao mosteiro misto fundado por Robert d'Arbrissel e dirigido por Matilde de Anjou, nobre amiga da rainha Leonor. Até hoje, o mosteiro de Fontevrault é lembrado pela atitude pouco ortodoxa se pensarmos na condição da mulher no medievo. Aqui a narrativa coloca novamente a protagonista em contato com figuras históricas que desafiaram os limites impostos às mulheres da época. Entre elas, está a priora Herrade de Landsberg, que escreveu a enciclopédia o *Jardim das Delícias* e que desperta em Leola o desejo de escrever uma espécie de dicionário, materializando em cada palavra os sentimentos e sensações que vivenciou. Lá, Leola também conhece Heloísa, que expõe a inquietação com a paixão para sempre interrompida com Abelardo. Leola reflete sobre a potência destruidora da paixão e decide manter-se vestida de homem, para evitar cair na ilusão deste sentimento.

Em uma arca aberta inesperadamente na biblioteca do mosteiro, Leola encontra três livros fundamentais: *A tábula da esmeralda*, de Hermes Trimegisto, que fecha lembrando da decepção com Gastón, o *Necronomicon* de Abdul Alhazred, e a *História do rei transparente*. A monja interrompe Leola e explica-lhe do perigo escondido nestes livros, mas se corrige e afirma que o perigoso é desacreditar na própria força e passar a ver como infalível o que é apresentado como uma verdade. “Os homens costumam chamar de destino aquilo que lhes acontece quando perdem as forças para lutar” (p.260). Recado mais do que simbólico na narrativa que parece significar a força a ser empreendida para lutar pelo que se deseja ser.

Tentando achar a tolerância para ser o que desejam, Leola e Nyneve se abrigam na região do conde de Toulouse, onde os cátaros são protegidos. Leola volta a ensinar crianças, mas agora vestida novamente de homem, pois deseja se ocultar da paixão e Nyneve continua a ajudar os necessitados com suas poções e unguentos trazidos da sabedoria das florestas. Leola é levada para uma armadilha traçada por Dhuoda, mas é salva pelo ferreiro Leon, um homem que crê desfazer mau-olhado e que cura a jovem mendiga Alina, que, por sua vez, acredita possuir um feitiço. Estas figuras excluídas vão se unir à Leola como um contraponto às significativas personagens que cruzaram seu caminho e as antagonistas que se mostravam em posições de poder, elas completam seu aprendizado sobre a vivência em coletividade.

O grupo de excluídos se desloca pelas cidades na medida em que os cruzados avançam. León vai mostrando seu encanto: o de sempre tomar partido pelos indefesos. Leola passa a ver nele o ideal de cavaleiro, embora se espante de encontrar isso no corpo de um plebeu. Um dos feitos de León é o de libertar um homem de Bizâncio, um eunuco, que tem escrito no corpo a lenda de Aquiles em grego. O próprio León também mostra ser indefeso: é epilético e teme sempre ser confundido com um endemoniado. O “estranho” aí sempre se imiscui no real.

Ciente de sua fragilidade e fortaleza, Leola se entrega ao amor com León, a quem considera um Avalon secreto, o Éden. “Amor: sonho que se sonha de olhos

abertos. Deus nas entranhas (e que Deus me perdoe!). Viver desterrado de si mesmo, instalado na cabeça, na respiração, na pele do outro; e que esse lugar seja o Paraíso” (p.304). A frase do dicionário particular poderia soar como heresia, no mundo em que a Inquisição avança e os flagelados se torturam nas praças buscando a salvação. Mas, Leola diz que se sente como o basilisco que León traz escondido em uma gaiola: “cega e surda a tudo o que acontece” (p.305). Esta criatura mágica, amaldiçoada, é tratada como bicho de estimação nesta vida de adversidades.

Escapando dos dominicanos, o grupo se refugia em Montségur, incrustado nas montanhas, o último reduto dos cátaros. Lá, a “família” de Leola ainda vai aumentar: ela revê a anã Violante, filha da nobre cátara a quem tinha ajudado e o gigante deficiente mental Guy, filho de seu mestre Roland. Interessante ver que a narrativa assegura lugar para os excluídos, que eram marcados naquele tempo como aberração ou símbolos do pecado. Leola, mesmo vestida de mulher, faz sua última ação como guerreiro: salva um grupo de jovens cátaros e vai escoltando-os pelas estradas. Este caminho propicia um regresso ao velho bosque onde ela e Nyneve se conheceram e que agora está transformado em pasto. A Velha da Fonte explica que é para acabar com a sabedoria do mundo antigo das bruxas. No texto, há muitas reflexões sobre a função desencontrada do progresso ao longo da história humana.

Na história pessoal de Leola, um encontro vai ser significativo: ela se vê frente a frente com Jacques, nos velhos campos onde morava. Ele sequer a reconhece e ela percebe a triste existência da qual escapara, a da fome e exploração como serva. Ao invés disso, Leola vê que fizera seu próprio destino. E mesmo cercada pelos cruzados em uma torre, ela segue os passos antes dados por Nyneve: toma o Elixir Ambarino e vai em direção a Avalon, ciente de que cumprira sua missão de transformar a própria vida, vencer os desafios, ampliar a sua condição de sujeito, não importando qual desafio lhe era lançado: “Sou mulher e escrevo. Sou plebéia e sei ler. Nasci serva e sou livre. Não é belo tudo o que a vida me deu? Sinto-me em paz dentro das minhas roupas de mulher e da minha pele coberta de cicatrizes. Isto é o que sou, e não é pouco” (p.357).

Leola é um sujeito dividido entre a atração pelo prazer sensorial (natureza, viagem, artes, mistérios, luta, paixão) e as promessas de paz e ascetismo, quase sendo levada pelos cânticos em direção às Cruzadas, quando juvenzinha. É o sujeito na era medieval: o mundo à disposição, com a magia que sempre o permeou, com lendas, superstições, mitos, feitiços, e o paraíso sempre prometido para depois, em uma visão até imposta pela força e intolerância, que assim se mostra como mais um inferno tal qual a covardia, a exploração e a ignorância. Leola faz o percurso de encontrar o paraíso nas pequenas coisas, nos outros, no se constituir como sujeito ativo, com sua individualidade e numa perspectiva de comunhão, não pelo medo, mas pela coragem de se unir às diferenças, não para agrupar fraquezas através da convenção, mas através da solidariedade e da verdade interior. Ela flerta com as cortes, mas só absorve o que lhe engrandece: a erudição, a poesia e a percepção mais livre do amor e do sonho. “A ilusão de que ser homem bastaria” se mostra ao longo de toda sua experiência. A solução da igualdade que sufoca é mostrada sem panfletarismo ou misoginia. A consciência de Leola frente à sabedoria se faz através de Nyneve, que não abdica de ser mulher, mas também sabe a hora de aderir às personas, às identidades móveis. Ela aprende a dominar os códigos do mundo dos homens, mas seu caminho é o de se descobrir mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUZ MERCADO, Diana. “Imagen y palabra a través de las mujeres medievales (siglos IX-XV)”. In: **Escritura e imagen**. Nº.1, 2005. p. 199-220. Disponível: <www.dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1994553> Acessado em 2 de julho de 2007.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.
- CAMPOS, Augusto de. **Invenção: de Arnaut e Raimbaut a Dante e Cavalcanti**. São Paulo: Arx, 2003.
- COSTA, Ricardo da. “Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final” – Astronomia e Astrologia na Idade Média e a visão medieval do Cosmo. *Dimensões - Revista de História da UFES* 14. Vitória: EDUFES, 2002. p.481-501.
- MONTERO, Rosa. **História do rei transparente**. Trad. Joana Angélica d’Avila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ORTNER, Sherry B. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?” In: LAMPHERE, Louise; ROSALDO, Michelle Zimbalist (coords) **A mulher, a cultura e a sociedade**. Trad. Cila Ankier e Rachel Gorestein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.
- ROUGEMONTE, Denis de. **História do amor no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

¹ Ao longo do artigo, mencionaremos apenas o número de página quando nos referirmos ao romance de Rosa Montero.

² No original: “*El Manual refleja la voz clara de una mujer culta e instruida que transmite una sensibilidad muy personal y el sentido de los valores de la época, explicando al mismo tiempo los ideales religiosos y mundanos de su entorno*” (ARAUZ MERCADO, 2002).